

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-01-06

Deposited version:

Submitted Version

Peer-review status of attached file:

Unreviewed

Citation for published item:

Magalhães, N. & André, P. (2019). Modernidade pela mão da tradição. Pragmatismo e modernidade(s): Álvaro Machado e Álvaro Siza. In Paula André, Paulo Simões Rodrigues, Margarida Brito Alves, Cristina Pratas Cruzeiro, Miguel Reimão Costa, Nieves Mestre, Sergio Martín Blas (Ed.), *Antologia de Ensaios: laboratório colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes: V seminário de investigação, ensino e difusão*. (pp. 173-193). Lisboa: DINÂMIA, CET-IUL.

Further information on publisher's website:

file:///C:/Users/cmsbl/Downloads/Antologia_de_Ensaios._Laborat_rio_Colaborativo._V_Seminario.pdf

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Magalhães, N. & André, P. (2019). Modernidade pela mão da tradição. Pragmatismo e modernidade(s): Álvaro Machado e Álvaro Siza. In Paula André, Paulo Simões Rodrigues, Margarida Brito Alves, Cristina Pratas Cruzeiro, Miguel Reimão Costa, Nieves Mestre, Sergio Martín Blas (Ed.), *Antologia de Ensaios: laboratório colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes: V seminário de investigação, ensino e difusão*. (pp. 173-193). Lisboa: DINÂMIA, CET-IUL.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Modernidade pela mão da tradição. Pragmatismo e modernidade(s): Álvaro Machado e Álvaro Siza

Nuno Magalhães

DINÂMIA 'CET-IUL – ISCTE-IUL
nmagalhaes75@gmail.com

Paula André

DINÂMIA 'CET-IUL – ISCTE-IUL
paula.andre@iscte-iul.pt

Resumo

A partir da suspeita lançada por Pedro Vieira de Almeida (1933-2011) de que a arquitetura românica persiste em obras de arquitetos portugueses atuais (1986) valoriza-se a(s) modernidade(s) da arquitetura portuguesa como base em uma tradição vinculada à ética das suas raízes construtivas.

As ressonâncias da construção românica foram o ponto de partida para a estruturação de uma tese que correlaciona os parâmetros arquitetónicos da tríade vitruviana, as conceções da corrente do pragmatismo americano do início do século XX, o sistema construtivo, os valores de ritmo, o diálogo entre vãos e nembos e o enraizamento local.

A análise arquitetónica da arquitetura em tempo longo revela a modernidade pela mão da tradição e as heranças e as ressonâncias em duas “versões” de modernidade na arquitetura portuguesa: a protomodernidade que Álvaro Machado (1874-1944) ensaiou no início do século XX, e a neomodernidade das obras que Álvaro Siza (1933-) vinculou à herança construtiva.

Palavras-chave

Modernidade e Tradição, Pragmatismo, Sistema Construtivo, Álvaro Machado, Álvaro Siza

Introdução

O estudo da obra do arquiteto Álvaro Machado, iniciado com a dissertação de mestrado¹, foi um trabalho que deixou múltiplas questões em aberto. A principal nasceu de uma suspeita lançada pelo arquiteto Pedro Vieira de Almeida (1933-2011) que pôs em evidência um problema relacionado com a existência de uma herança, encerrada na arquitetura românica portuguesa, cujas ressonâncias poderiam persistir em “obras de arquitetos portugueses atuais”². A solução que este autor propõe com a sua reflexão encontra-se na hipótese dessa herança, *enquanto estrutura*, poder verificar-se no “ritmo, na contenção de volumes, no diálogo entre vãos e nembos e no enraizamento local”³ presente em duas “versões” de modernidade da arquitetura portuguesa: proto-modernidade e neo-modernidade.

Os conceitos de enraizamento local e de cultura tectónica, desenvolvidos por Kenneth Frampton, permitiram estabelecer, através da “*sensibilidade empírica*”⁴, a ligação com o “sentido comum tectónico”⁵ e com as conceções da corrente pragmática americana do início do século XX.

Numa reflexão de sentido pragmático, focada na construção ou na *forma de fazer a arquitetura*, Kenneth Frampton declara que o edifício é “antes de tudo, construção e só posteriormente um discurso abstrato”⁶. Kenneth Frampton, na mesma linha de pensamento de Pedro Vieira de Almeida, identifica, na “manifestação poética do sistema construtivo, a unidade estrutural como essência irreduzível da forma arquitetónica”⁷. Neste contexto de valorização do *sistema construtivo*, a herança românica portuguesa, baseada na coluna, no muro e no arco, é um sistema pragmático. (Fig. 1, 2 e 3).

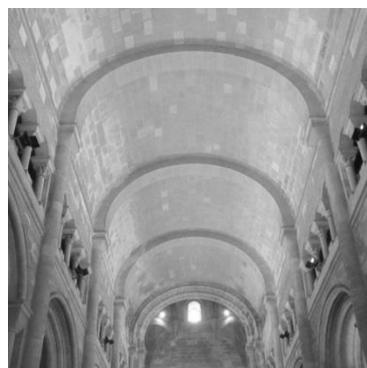
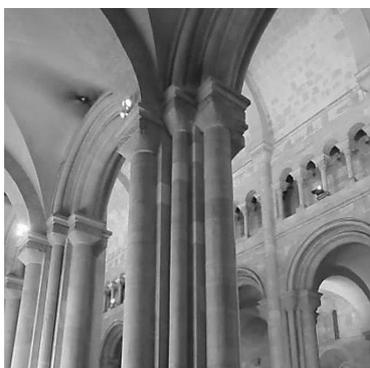


Figura 1 – Colunas – Sé de Lisboa – Foto de Nuno Magalhães.

Figura 2 – Muros/Paramentos – Sé de Lisboa – Foto de Nuno Magalhães.

Figura 3 – Arcos de volta perfeita/Abobada de berço – Sé de Lisboa – Foto de Nuno Magalhães.

¹ MAGALHÃES, Nuno José Almeida - **A obra do arquitecto Álvaro Machado**. Dissertação de Mestrado em Cultura Arquitetónica Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2007.

² ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel - **História de Arte em Portugal**, Volume 14, Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

³ *Ibidem*

⁴ MONTANER, Josep Maria - **Depois do movimento moderno – Arquitetura da segunda metade do século XX**, Barcelona: Gustavo Gilli, 2001, p. 194.

⁵ *Ibidem*, p. 260.

⁶ FRAMPTON, Kenneth - **Introdução ao estudo da cultura tectónica**, (André Martins Barata, tradução), Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1998, p. 20.

⁷ NESBBIT, Kate - **Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica (1965-1995)**. 2ª ed. rev. São Paulo: Editora Cosac & Naify. 2006, p. 556.

Esses elementos base, preservados pela solidez pétrea, poderão ter transmitido conhecimento construtivo e *enraizar-se, por miscigenação*, na cultura arquitetónica portuguesa.

O novo olhar que o pragmatismo de William James e de John Dewey permitiu efetuar sobre esta herança revelou que a(s) *modernidade(s)* lhe pertencem, pois agimos “à luz desse passado, quer tal entendimento seja explícito ou não”⁸.

As “versões” de modernidade que história da arquitetura nos apresenta podem, segundo Carlos Martí Arís, “ser vistas como o resultado da miscigenação de estruturas que se interlaçam e provocam resultados imprevistos a partir de elementos conhecidos”⁹. Dessa tradição arquitetónica emerge (paradoxalmente?) a matriz de análise da(s) modernidades: a tríade vitruviana (*Firmitas, Utilitas e Venustas* – Fig. 4).



Figura 4 – Medalha do Pritzker Architecture Prize. Inscrições da face posterior *Firmness; Commodity; Delight*. The Pritzker Architecture Prize [Em Linha]. Chicago: The Hyatt Foundation. [Consult. 10 Jun. 2019]. Disponível em <https://www.pritzkerprize.com/about>

Os casos de estudo do ensaio

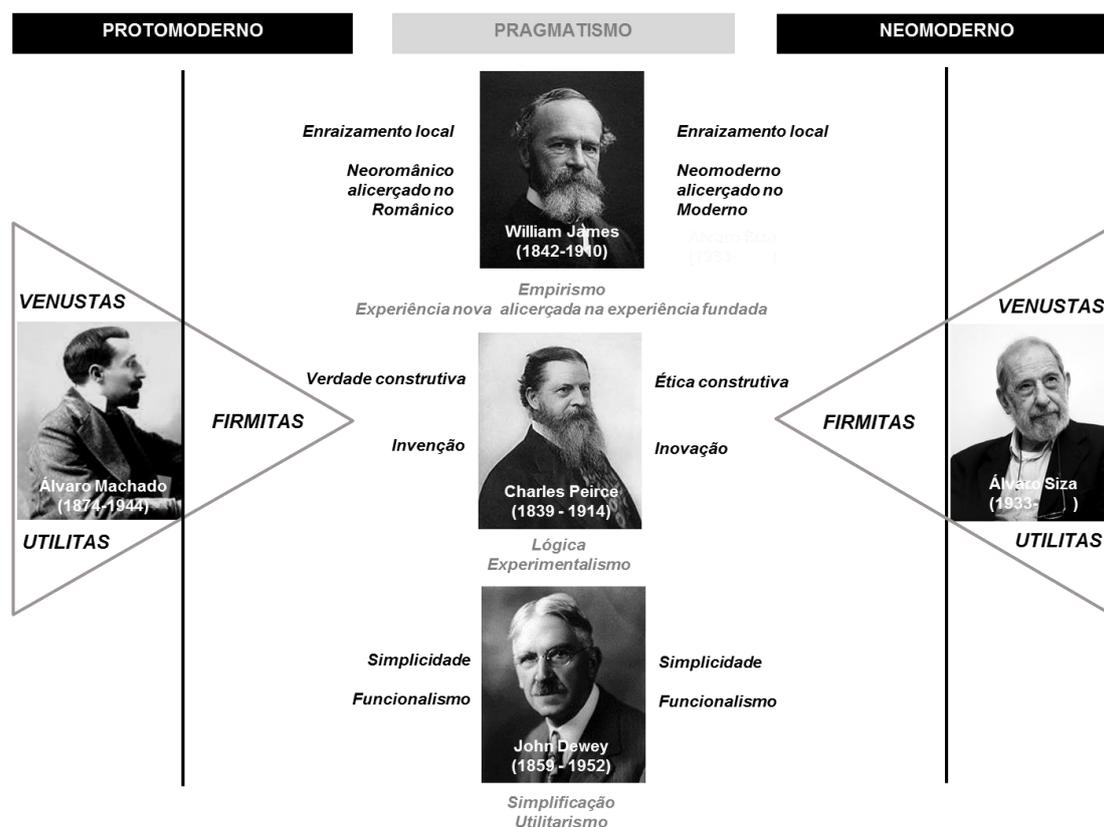
A confirmação da suspeita lançada por Pedro Vieira de Almeida irá alicerçar-se na análise das ressonâncias da herança construtiva românica em dois edifícios: a Sociedade Nacional de Belas Artes e o *Pavilhão de Portugal*.

A análise descrita efetuar-se-á à luz dos três parâmetros arquitetónicos da tríade vitruviana: *Firmitas, Utilitas e Venustas*. Os critérios referidos funcionarão em paralelo com os valores que Pedro Vieira de Almeida assinalou em *obras de arquitetos portugueses atuais*: ritmo, contenção de volumes, diálogo entre vãos e nembos e enraizamento local.

Os *pavilhões de exposições que foram* selecionados, da autoria de Álvaro Machado e Álvaro Siza, apesar de diferirem da tipologia efémera, são representativos do experimentalismo da modernidade.

⁸ FRAMPTON Kenneth - **Introdução ao estudo da cultura tectónica**, (André Martins Barata, tradução), Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1998, p. 49.

⁹ MARTÍ ARÍS, Carlos - **La cimbra y el arco**, Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2005, p. 43.



Esquema 1 – Pragmatismo e modernidade(s) – Esquema de Nuno Magalhães

1. Álvaro Machado e a proto-modernidade

A primeira das modernidades a tratar neste ensaio é a (proto)modernidade. Esta “versão”, ensaiada por Álvaro Machado no início do século XX, advém de uma matriz românica. O prefixo *proto*, dissociado da “*preocupação socializante*”¹⁰ pré-moderna, aproxima-se do pragmatismo do *protótipo construtivo* (Fig. 5). Nesse sentido, a curiosidade científica deste arquiteto encontra correspondência com o hábito mental experimentalista do pragmatismo de Charles Pierce¹¹. Esta via pragmática que adotou serviu para testar a veracidade do *sentido utilitário* da matriz românica.

¹⁰ RAMOS, Rui - *A Casa Unifamiliar Burguesa na Arquitetura Portuguesa. Mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*. Volume I. Dissertação de Doutoramento em Arquitetura – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2004, p. 283.

¹¹ MURPHY, John - Pragmatismo Pierciano, In MURPHY, John, *O pragmatismo de Pierce a Davison*, Porto: Edições Asa, 1993, p. 44.

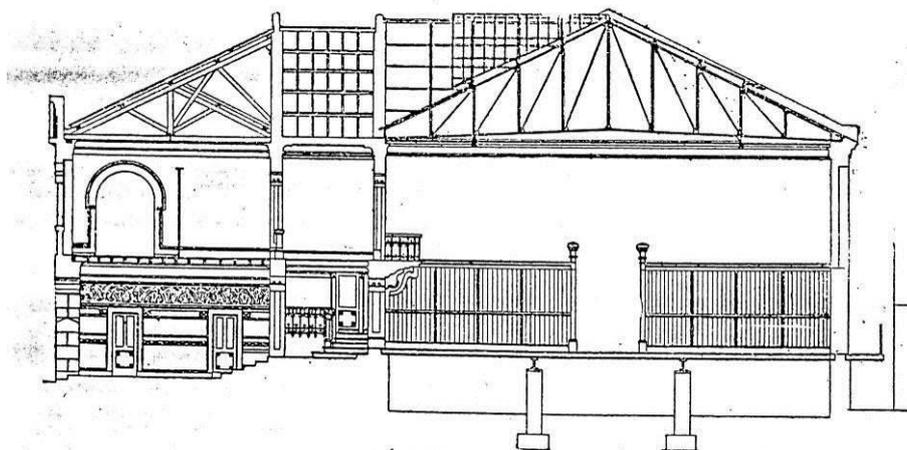


Figura 5 – Corte transversal - Sociedade Nacional de Belas Artes - Desenho retirado de: COLLARES, E. Nunes (1906), Edifício e salas de exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, na Rua Barata Salgueiro com frentes para as Ruas Mouzinho da Silveira e Castilho – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. *A Construcção Moderna*. Lisboa. N.º 199, Anno VII, p. 50.

A experiência nova que o neo-românico constituiu alicerçou-se na experiência da tradição (românica). Essa concepção de que as ideias se verificam “a si próprias pela sua habilidade para acomodarem experiências novas na experiência fundada”, é defendida por William James¹². Os ensinamentos que Álvaro Machado retirou da matriz resultaram da experimentação em obra, uma prática ativa¹³ próxima do conceito de *aprender fazendo*¹⁴ de John Dewey. O experimentalismo das *lógicas construtivas* que adotou, o utilitarismo¹⁵ funcional, a simplicidade, a relação empírica com o local e a atemporalidade¹⁶ de algumas das suas propostas arquitetónicas, conectam-se com os princípios pragmáticos de John Dewey. A *protomodernidade* que o edifício da Sociedade Nacional de Belas Artes encerra decorre de uma experimentação em obra e constitui um exemplo de sincronização com valores do pragmatismo americano, num contexto pouco provável – o romantismo europeu.

¹² MURPHY, John - Pragmatismo Jamesiano, In MURPHY, John, **O pragmatismo de Pierce a Davison**, Porto: Edições Asa, 1993, p. 77.

¹³ “...a sabedoria do homem prático, como também o conhecimento científico, são baseados na experiência”

MURPHY, John - Pragmatismo Deweyano, In MURPHY, John, **O pragmatismo de Pierce a Davison**, Porto: Edições Asa, 1993, p. 90.

¹⁴ “...ideia que nos transporte prosperamente de uma (...) experiência para outra, ligando (...) as coisas, (...) simplificando, poupando trabalho, é verdadeira precisamente por isso...”

MURPHY, John - Pragmatismo Jamesiano, In MURPHY, John, **O pragmatismo de Pierce a Davison**, Porto: Edições Asa, 1993, p. 73.

¹⁵ “...a verdade nas nossas ideias significa a sua capacidade de funcionar”

Ibidem

¹⁶ “...a vida de todo o pensamento é efetuar a junção, em algum ponto, do novo e do velho – (...) trazidos à (...) atenção por algum conflito com direções de atividade recentemente emergentes. As filosofias que emergem em períodos distintos definem (...) amplos padrões de continuidade (...) duráveis junções do passado resistente e do futuro insistente”,

MURPHY, John - Pragmatismo Deweyano, In MURPHY, John, **O pragmatismo de Pierce a Davison**, Porto: Edições Asa, 1993, p. 106.

1.1. Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes (1913)

Nos primeiros anos do século XX, o anseio dos artistas começava a dar sinais de concretização. Aos esforços e às influências dos que obtiveram da Câmara Municipal de Lisboa a concessão do terreno na Rua Barata Salgueiro¹⁷, juntou-se o labor de Álvaro Machado que elaborou o projeto¹⁸ e acompanhou a obra. A empreitada ficou igualmente marcada pela contribuição dos sócios¹⁹ e pelas alterações ao projeto inicial (Fig. 6 e 7).

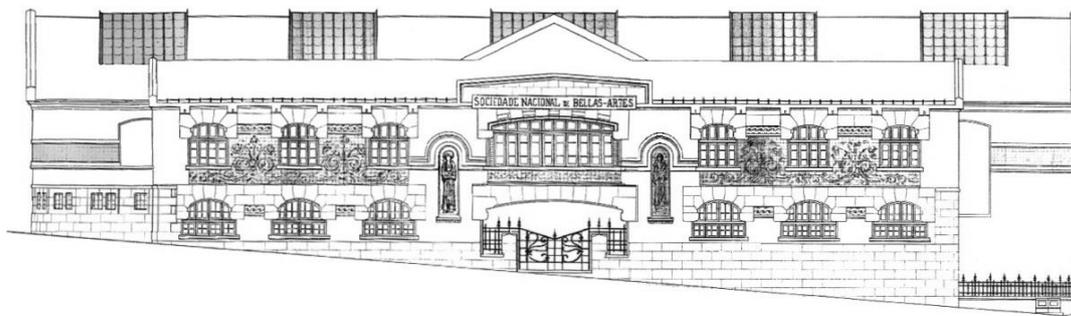


Figura 6 – Sociedade Nacional de Belas Artes, 1906 – Alçado Principal - Versão de Licenciamento. Figura extraída de: COLLARES, E. Nunes (1906), Edifício e salas de exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, na Rua Barata Salgueiro com frentes para as Ruas Mouzinho da Silveira e Castilho – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. *A Construcção Moderna*. Lisboa. N.º 199, Anno VII, p. 49.

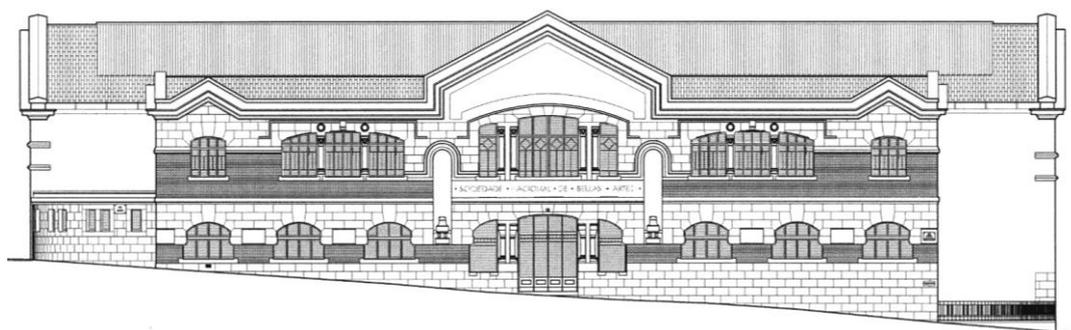


Figura 7 – Sociedade Nacional de Belas Artes, 1913 – Alçado Principal – versão construída – Desenho elaborado por Nuno Magalhães.

¹⁷ «...apesar do edifício vir a ser construído num dos locais mais centrais de Lisboa, o terreno nada custará ao estado, pois foi cedido pela câmara».

GARCIA, Penha - Sociedade Nacional de Bellas Artes – Sede social – Salão de exposições. *Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes*: MCMV; MCMX. Lisboa: Sociedade dos Architectos Portuguezes, 1906, p. 25.

¹⁸ «...O projecto deste edificio, elaborado pelo nosso consórcio Sr. Álvaro Machado, foi escolhido como o 1.º de entre os que se apresentaram no concurso que para esse fim foi aberto pela Sociedade Nacional de Bellas Artes».

GARCIA, Penha - Sociedade Nacional de Bellas Artes – Sede social – Salão de exposições. *Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes*: MCMV; MCMX. Lisboa: Sociedade dos Architectos Portuguezes, 1906, p. 27.

¹⁹ “Nenhuma despesa (...) haverá que fazer com os planos architectónicos, fiscalização e trabalhos decorativos; generosamente houve artistas que disso se encarregaram”

GARCIA, Penha - Sociedade Nacional de Bellas Artes – Sede social – Salão de exposições. *Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes*: MCMV; MCMX. Lisboa: Sociedade dos Architectos Portuguezes, 1906, p. 25.

Herança românica

Ressonâncias construtivas – *FIRMITAS*

A adaptação que Álvaro Machado fez das técnicas construtivas de origem românica revela-se pela utilização, quase sistemática, de densas estruturas de alvenaria resistente, semelhantes aos *muros românicos*.

Essas alvenarias que constituem a envolvente construtiva da volumetria base do edifício, foram reforçadas por pesados aparelhos de pedra na zona do embasamento. Esses robustos socos, cuja simplicidade lembra as empenas românicas, eram pontuados por janelas estreitas muito semelhantes às frestas das igrejas desse estilo. No âmbito dos muros que constituem as empenas deste edifício, é de referir ainda a presença pontual de contrafortes nas zonas dos cunhais.

As lajes deste edifício são *estruturas mistas* que combinam um material *protomoderno* (ferro) com outro, oriundo da *tradição* (madeira).

A estrutura da cobertura do salão, não recorre ao arco de volta perfeita, mas é um sistema de longas e permeáveis asnas que gera uma *atmosfera espiritual* (fig. 8).

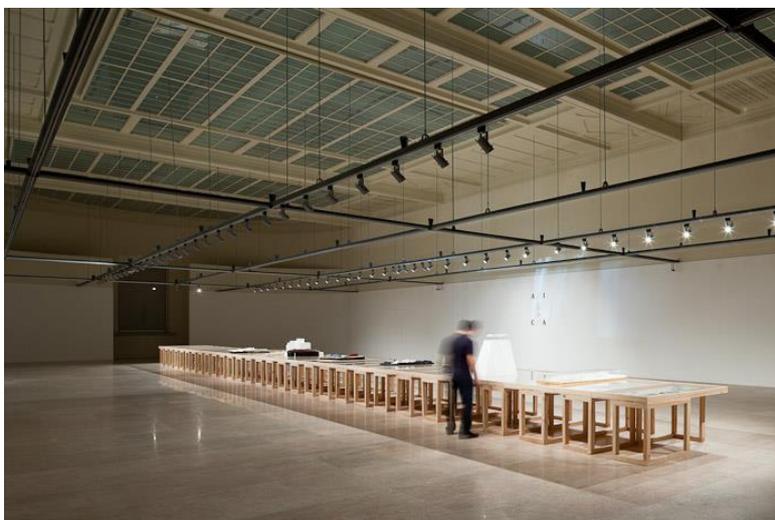


Figura 8 – Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes – *Fotografia de João Morgado*. Exposição 30 Anos AICA Arquitetura [Em Linha]. Porto: João Morgado – Fotografia de Arquitetura. [Consult. 10 Jun. 2019]. Disponível em <https://www.joamorgado.com/pt/reportagens/exposicao-30-anos-aica-arquitetura>

No entanto, todas as travessas que configuram os vãos das fachadas são arcos.

O engenho construtivo deste arquiteto foi posto à prova durante a empreitada uma vez que, para conter custos, recorreu à pré-fabricação em betão e à substituição da pedra por *tijolo*, material utilizado em algumas igrejas românicas.

Ressonâncias funcionais – *UTILITAS*

O projeto inicial possuía três núcleos funcionais: “Pavilhão” de exposições, Sede da Sociedade Nacional de Belas Artes e Sede da Sociedade dos Architectos Portuguezes.

O “Pavilhão” de exposições era seccionado por um sistema desmontável. As divisórias amovíveis garantiam a polivalência do salão²⁰.

A sede da Sociedade Nacional de Belas Artes ocuparia a ala direita do edifício e a sede da Sociedade dos Architectos Portuguezes a esquerda.

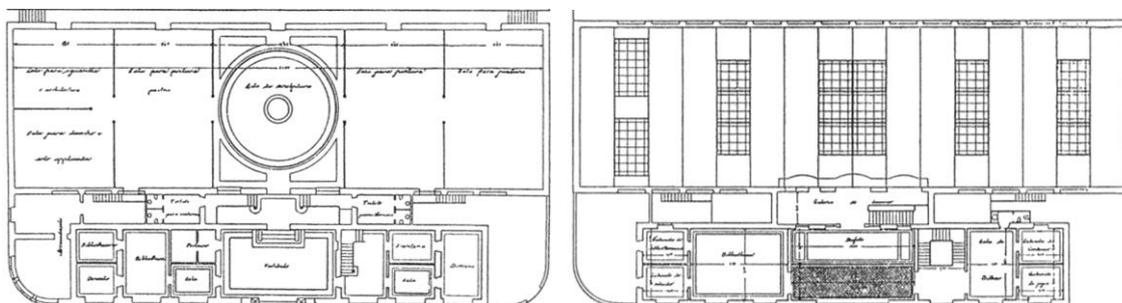


Figura 9 – Sociedade Nacional de Belas Artes, 1906 – Planta do piso 0 - Projeto de Licenciamento.

Figura 10 – Sociedade Nacional de Belas Artes, 1906 – Planta do piso 1 - Projeto de Licenciamento.

Figuras extraídas de: COLLARES, E. Nunes (1906), Edifício e salas de exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, na Rua Barata Salgueiro com frentes para as Ruas Mouzinho da Silveira e Castilho – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. A Construcção Moderna. Lisboa. N. ° 199, Anno VII. p. 49.

A versão construída diferencia-se pela *otimização* dos corpos funcionais. Os dois principais (secção administrativa e salão nobre) articulam-se com o núcleo que alberga os átrios, as circulações e as instalações sanitárias.

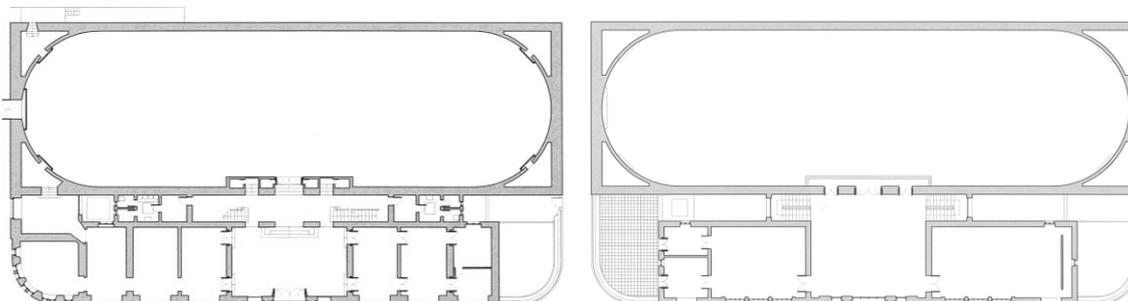


Figura 11 – Sociedade Nacional de Belas Artes, 1913 – Planta do piso 0 - versão construída - Desenho elaborado por Nuno Magalhães.

Figura 12 – Sociedade Nacional de Belas Artes, 1913 – Planta do piso 1 - versão construída- Desenho elaborado por Nuno Magalhães.

O salão perdeu a ortogonalidade do projeto inicial e passou a dispor de topos semicirculares à semelhança de algumas *capelas românicas*.

²⁰ «As salas de exposições ficarão à disposição do governo e da câmara municipal de Lisboa para exposições de arte ou industriais e para festas ou serviços de interesse público, que de qualquer forma se relacionem com o fim para que o edifício é construído».

GARCIA, Penha - Sociedade Nacional de Bellas Artes – Sede social – Salão de exposições. Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX. Lisboa: Sociedade dos Arquitectos Portuguezes, 1906, p. 27.

O utilitarismo funcional da versão construída atribuiu um volume a cada núcleo. O corpo que comporta os átrios e as circulações está no centro da construção e os dois volumes de maior dimensão (Fig. 13) afirmam-se individualmente pela sua diferença funcional²¹. A livre articulação de volumes que se observa poderá considerar-se uma ressonância funcional da matriz românica.



Figura 13 – Sociedade Nacional de Belas Artes, 2019 – Volumetria do corpo administrativo e do “Pavilhão” de exposições – Foto de Nuno Magalhães.

Ressonâncias na expressão – VENUSTAS

A escassez orçamental que caracterizou a obra, impôs um pragmatismo que o arquiteto (e diretor da obra) refletiu na redução dos ornatos e no desenho do conjunto²². A contenção decorativa e a conjugação de blocos autónomos aproximaram este “pavilhão” de um certo purismo funcionalista. A matriz românica que o autor adotou, adquiriu, no decurso da construção deste edifício, novas cambiantes²³. No contexto de contenção financeira em que ocorreu a obra, a exploração das potencialidades dos volumes puros e a utilização das tecnologias *High-Tech* da época (ferro, vidro e betão) conferiram um

²¹ «Do exterior, a função enuncia-se em dois corpos de alongados pavilhões».

SILVA, Raquel Henriques da - Sociedade Nacional de Belas-Artes – Álvaro Machado. In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa, 1997, p. 150.

²² «De qualquer modo, a obra ganhou com esta redução de recursos, tornando-se mais abstracta e fluida, concentrada na exploração de todas as potencialidades do desenho arquitectónico».

SILVA, Raquel Henriques da - Sociedade Nacional de Belas-Artes – Álvaro Machado. In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa, 1997, p. 150.

²³ «De composição muito simples, segue o estilo neo-românico de uma forma livre e depurada».

FERNANDES, José Manuel - Sociedade Nacional de Belas Artes. In BERGER, Francisco Gentil; BISSAU, Luis; TOUSAINTE Michel (coordenação geral) - **Guia de Arquitectura Lisboa 94**. 1.ª Edição. Lisboa: co-edição da Sociedade Lisboa 94 e da Associação dos Arquitectos Portugueses, 1994, p. 236.

carácter protomoderno a esta obra. Os painéis de azulejo que o projeto inicial propunha no alçado principal, são substituídos por tijolo. No corpo do salão, os azulejos foram substituídos por frisos. Esse grafismo estende-se às linhas de frontão quebrado que compõe as cimalkhas. No contexto geral do exterior, destaca-se a exemplar sobriedade e contenção do pavilhão de exposições. Os elementos pétreos que ornamentam a fachada principal (colunas, arcos, travessas, ombreiras, peitoris, soleiras e consolas) têm, à semelhança da construção românica, uma função estrutural (Fig. 14).



Figura 14 – Sociedade Nacional de Belas Artes, 2019 – Detalhe do vão da fachada principal – Foto de Nuno Magalhães

Ressonâncias na integração – ENRAIZAMENTO LOCAL

No âmbito da composição das fachadas observa-se uma hierarquia que privilegia a ornamentação dos pisos superiores em detrimento do embasamento. Nessa matriz de conceção de fachada, os vãos menores concentram-se na zona inferior e os restantes aumentam progressivamente de dimensão à medida que o edifício se desenvolve em altura.

A referida ordem de composição reflete-se na simplicidade decorativa do piso de entrada e na exuberância do piso superior, cujos vãos, mais amplos, estão enquadrados por arcos assentes em colunas.

A capacidade de integração que as fachadas demonstram está relacionada com o modo progressivo como se estabelece a transição entre o terreno e o edifício. Para se garantir esse resultado, a zona em contacto possui um embasamento constituído por materiais pesados e robustos (Fig. 15). Este mecanismo de integração revela as mesmas preocupações que a arquitetura românica portuguesa tinha com uma correta inserção no terreno.



Figura 15 – Sociedade Nacional de Belas Artes, 2019 – Fachada principal – Foto de Nuno Magalhães

2. Álvaro Siza e a neo-modernidade

A modernidade que ocorre no final do século XX, com prefixo *neo*, vinculada ao “enraizamento em lugares determinados e a uma linguagem neomodernista”²⁴, provém de uma matriz da tradição moderna na qual Álvaro Siza acredita que a “arquitetura pode viver, sobreviver e prosperar”²⁵.

A experiência nova que a neomodernidade de Álvaro Siza constitui alicerça-se na experiência fundada. O conhecimento que Álvaro Siza extrai da tradição moderna é testado constantemente em obra. É com a prática e com a incorporação do conhecimento (atemporal) da herança construtiva que estuda e concebe *soluções inovadoras* e simples. A *neomodernidade do Pavilhão de Portugal* advém da conciliação da tradição construtiva com a inovação.

2.1. O pavilhão de Portugal

No final dos anos 90, a Exposição Internacional de Lisboa de 1998, símbolo do progresso económico que se vivia em Portugal, concretizou o regresso à cidade desenhada. O seu plano de urbanização desconsiderou grande parte das preexistências e criou uma cidade nova num território urbano que se encontrava ao abandono após a decadência industrial do local. No contexto do edificado, foram produzidas novas referências, mais ou menos monumentais, das quais se destaca o Pavilhão de Portugal. A arquitetura de continuidade que Álvaro Siza produziu teve a capacidade para conciliar conceitos opostos porque se alimenta da herança moderna e dos “*enormes recursos da tradição*”²⁶. O pavilhão de Portugal, com a sua arquitetura desornamentada e agarrada ao chão (ou chã), rejeitou a “festividade” exigida pelo programa.

²⁴ GOMES, Paulo Varela - Arquitetura, os últimos vinte cinco anos – Arquitetura Portuguesa do Século XX, In: PEREIRA, Paulo, **História da Arte Portuguesa**, Vol. 3, Lisboa: Editora Temas e Debates, 1995, p. 578.

²⁵ GOMES, Paulo Varela - Arquitetura, os últimos vinte cinco anos – Arquitetura Portuguesa do Século XX, In: PEREIRA, Paulo, **História da Arte Portuguesa**, Vol. 3, Lisboa: Editora Temas e Debates, 1995, p. 577.

²⁶ MARTINS, Raquel Monteiro - **A ideia de lugar: um olhar atento às obras de Siza**, Tese de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Coimbra, 2009, p. 165.

Herança românica

Ressonâncias construtivas – *FIRMITAS*

No contexto da cultura arquitetónica portuguesa do início do século XX, quando Pedro Vieira de Almeida lança a suspeita que de que o “sentido de sobriedade e contensão bem como o estrutural sentido de massa”²⁷, identificados no revivalismo românico, podem persistir, enquanto estrutura primordial, em “obras de arquitetos portugueses atuais”, nasce a necessidade de investigar o sistema construtivo na herança românica²⁸. Esse legado constitui, num sistema pragmático de três elementos, uma espécie de grau zero da construção: colunas (Fig. 16, 17 e 18), muros (Fig. 19, 20 e 21) e arcos de volta perfeita (Fig. 22). Nesse contexto, o edifício do Pavilhão de Portugal revela, em vários momentos, o *rasto* dos elementos construtivos base da arquitetura românica portuguesa.



Figura 16, 17 e 18 – Pilares - ressonância das colunas – Pavilhão de Portugal - 2019 - Foto de Nuno Magalhães



Figura 19 – Estereotomia – Ressonância do *Opus quadratum isodumum* – Pavilhão de Portugal - 2019 - Foto de Nuno Magalhães

²⁷ ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel - **História de Arte em Portugal**, Volume 14, Lisboa: Publicações Alfa, 1986, 192 p.

²⁸ “*Ai daquele que estuda no antigo, outra coisa que não a arte pura, a lógica e método geral*”
BAUDELAIRE, Charles - A Modernidade, In BAUDELAIRE, Charles, **Sobre a modernidade – O pintor da vida moderna**. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A. 1996, p. 28.



Figura 20 e 21 – Pilares de sustentação da catenária - ressonância dos contrafortes – Pavilhão de Portugal 2019 - Foto de Nuno Magalhães



Figura 22 – Cobertura em catenária – ressonância do arco – Pavilhão de Portugal – 2019- Foto de Nuno Magalhães

Ressonâncias funcionais – *UTILITAS*

A herança românica que se detetou nos elementos construtivos, também se repercutiu no modo como a volumetria responde à função. O percurso de aproximação até ao interior do pavilhão poderá ser entendido como a transição para a entrada num templo. A solenidade do interior é antecipada por um espaço de preparação, sob uma abóbada de berço, contemporanizada pelo betão, que sacraliza o espaço de entrada num templo dedicado a um país. A presença de um espaço de transição, ou galilé, é relativamente comum na tradição românica portuguesa e pode observar-se em vários exemplos que ainda apresentam vestígios de uma ante-igreja (Figura 23, 24 e 25), coberta, onde, à semelhança do pavilhão de Portugal, se iniciava a cerimónia preparatória.

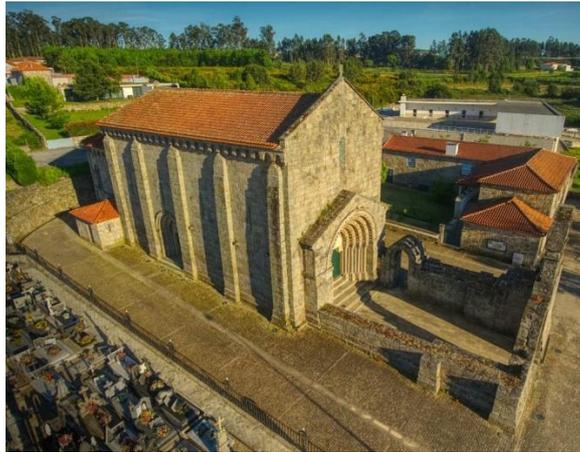


Figura 23 – Igreja de São Pedro de Ferreira e Galilé – Paços de Ferreira
 Imagem extraída do site: <http://porto.360portugal.com/Concelho/PacosFerreira/SPedro/>



Figura 24 – Mosteiro de Freixo de Baixo e Galilé - Amarante
 Imagem extraída do site: <https://www.culturante.pt/pt/patrimonio/igreja-de-freixo-de-baixo/>



Figura 25 – Igreja de Tabuado e Galilé – Marco de Canaveses - Imagem extraída do site:
<https://romanicocomtelemovel.wordpress.com/2018/06/18/salvador-de-tabuado/>

Ressonâncias na expressão – VENUSTAS

A imagem arquitetónica que o edifício detém, apesar das inegáveis influências da tradição moderna²⁹ e da aceitação de uma certa monumentalidade que se observa na cidade de Lisboa, também poderá resultar de uma *cultura tectónica*³⁰.

O conhecimento tectónico, que Kenneth Frampton encontra na obra de Siza nasce de um “ponto de partida racional modelado por incidentes orgânicos de natureza estritamente estrutural ou construtiva”³¹. Nesse contexto, a expressão da sua arquitetura poderá revelar o rasto da poética da construção românica. A intuição que incitou o contacto com o objeto arquitetónico, apoiada na ideia de que Siza, com qualidade extrema, “recupera e reinventa o nosso passado”³², possibilitou uma observação que visava o encontro com o rasto que Pedro Vieira de Almeida assinalou em *obras de arquitetos portugueses atuais*³³: *Ritmo* (Figura 26 e 27), *Contenção de volumes* (Figura 28 e 29), *Diálogo entre vãos e nembos* (Figura 30 e 31) e *Enraizamento local* (Figura 32).



Figura 26 e 27 – Ritmo – Pavilhão de Portugal - 2019 - Fotos de Nuno Magalhães

²⁹ “...segundo Siza, é na tradição moderna que a arquitetura pode viver, sobreviver e prosperar...”

GOMES, Paulo Varela - *Arquitetura, os últimos vinte cinco anos – Arquitetura Portuguesa do Século XX*, In: PEREIRA, Paulo- **História da Arte Portuguesa**, Volume 3, Lisboa: Editora Temas e Debates, 1995, p. 577.

³⁰ “Tectónica (...) o debate estende-se ao longo de todo o século XIX em esforços inconclusivos de unificação da objetividade e subjetividade (...) poderá antes ser entendido como uma polémica aberta entre simbolismo e o utilitarismo mecânico, o confronto entre a teoria estética do Idealismo e o Funcionalismo proto-moderno”

FRAMPTON, Kenneth - **Introdução ao estudo da cultura tectónica**, (André Martins Barata, tradução), Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1998, p. 11.

³¹ RAVETLLAT, Pere Joan - Europa y la continuidad del proyecto moderno. Pere Joan Ravetllat entrevista a Kenneth Frampton / Europe and the continuity of the modern Project. “Pere Joan Ravetllat interviews Kenneth Frampton”, **Quaderns**, n.º 163, 1985/1986. p. 144.

³² VIEIRA DE ALMEIDA, Pedro - Viana de Lima. In A.A.V.V., **Viana de Lima. Arquitecto 1913-1991**. Lisboa e Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, Árvore-Centro de Atividades Artísticas, 1996, p. 60.

³³ ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel - **História de Arte em Portugal**, Volume 14, Lisboa: Publicações Alfa, 1986, 192 p.



Figura 28 e 29 – Contenção dos volumes – Pavilhão de Portugal - 2019 - Foto de Nuno Magalhães



Figura 30 e 31 – Diálogo entre vãos e nembos – Pavilhão de Portugal - 2019 - Foto de Nuno Magalhães



Figura 32 – Enraizamento local – Pavilhão de Portugal - 2019 - Foto de Nuno Magalhães

Ressonâncias na integração – ENRAIZAMENTO LOCAL

O Pavilhão de Portugal foi edificado numa época em que a parte oriental da cidade de Lisboa não se encontrava urbanizada ou consolidada. A inexistência de referências³⁴

³⁴ “A falta de referências claras a partir das quais implantar e definir os volumes daquele que deveria ser um dos edifícios mais representativos da Expo’98 acabou por conduzi-lo, por cabotagem, até à margem do rio. Quando Siza Vieira começou a trabalhar no projeto, o plano da exposição era ainda

que permitissem estabelecer um *enraizamento local*³⁵ fez com que o arquiteto se focasse na relação do objeto arquitetónico com o rio. Das várias circunstâncias arquitetónicas que se observam no edifício, destaca-se a grande praça coberta. Os dois grandes *muros com contrafortes* que demarcam esse largo enquadram o rio com o auxílio da extensa *cobertura em arco*, materializada por uma *catenária* em betão armado (Figura 33).

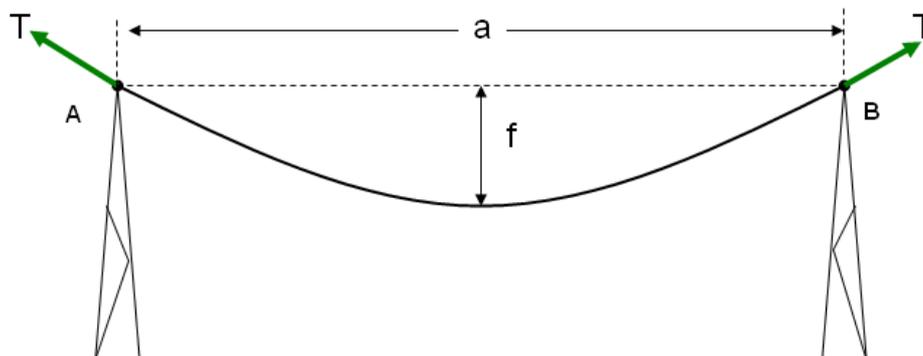


Figura 33 – Catenária - Esquema de Nuno Magalhães

Esses *dois elementos*, apesar da permeabilidade parcial que os vãos lhe asseguram, cortam, deliberadamente, a ligação norte-sul da praça, para reforçar a relação com o rio. O grande muro do lado norte não toca no corpo dos espaços interiores e gera, desse modo, uma alheta (Fig. 34) cuja tensão separa os dois corpos do conjunto (Fig. 35).



Figura 34 – “Alheta” de separação dos dois corpos – Pavilhão de Portugal - 2019 - Foto de Nuno Magalhães

Figura 35 – Vista dos dois corpos simétricos – Pavilhão de Portugal - 2019 - Foto de Nuno Magalhães

esquemático e não havia informações consistentes sobre os edifícios com os quais o pavilhão se iria relacionar. Encontrou junto do rio a amarração ao contexto...”

SILVA, Helena Sofia; SANTOS, André - **Álvaro Siza Vieira**. *Arquitectos Portugueses*, 1.ª Edição - Vila do Conde: Quidnovi, 2011, p. 51

³⁵ “...o enraizamento em lugares determinados, a linguagem neomodernista...”

GOMES, Paulo Varela - *Arquitetura, os últimos vinte cinco anos – Arquitetura Portuguesa do Século XX*, In: PEREIRA, Paulo, **História da Arte Portuguesa**, Volume 3, Lisboa: Editora Temas e Debates, 1995, p. 578.

O edifício é, em certa medida, constituído por dois momentos³⁶. Um momento de transição, semiexterior, e um momento de introspeção, interior, concebido para acolher os conteúdos da exposição. O espaço exterior é uma espécie de terreiro indefinido, *um rossio*, um espaço multifuncional, que antecede o Terreiro do Paço. Nesse contexto, a leitura do vazio poderá ter sido profícua para Álvaro Siza, pois poderá ter sido essa reflexão que deu origem a este rossio. O corpo que corresponde ao *cheio*, apesar de não constituir o momento mais sublime do edifício, é dotado de elementos que o integram no local. Na fachada que confronta o rio, a pala e os diversos ritmos (colunas, vãos, nembos e bancos), intensificam as dinâmicas de circulação da rua coberta sem comprometer a estadia dos que pretendem usufruir da vista para o rio (Fig. 36 e 37).



Figura 36 – Arcada da fachada Este – Pavilhão de Portugal - 2019 - Foto de Nuno Magalhães

Figura 37 – Cobertura da arcada – Pavilhão de Portugal - 2019 - Foto de Nuno Magalhães

A referida arcada prolonga-se até o alçado norte para estabelecer a ligação com o espaço público desse quadrante. Essa fachada é dinamizada por um conjunto de muros e de pequenas praças ajardinadas que se diluem no volume mais contido (Fig. 37 e 38).

A autorreferenciação que o *Pavilhão de Portugal* protagoniza, deriva, provavelmente, da inexistência de referências³⁷ na envolvente. Álvaro Siza ultrapassou esta lacuna com uma proposta arquitetónica baseada na herança construtiva portuguesa³⁸ e, com isso, escreveu um poema arquitetónico dedicado a essa tradição.

Este edifício demonstra que o enraizamento local pode ser construído por uma arquitetura de continuidade, alicerçada na tradição construtiva, e que não depende, necessariamente, das referências do sítio.

³⁶ “O edifício divide-se assim em dois corpos. A sala de visitas, destinada a recepções e cerimónias, é uma ampla praça aberta que deu à Expo '98 uma das suas referências iconográficas mais distintas: a fabulosa pala de betão que paira a 10 metros de altura sobre uma área de 3900 m². Ainda que Siza se tenha referido ao pavilhão como um barco ancorado na doca, ele parece constituir-se de facto como um novo terreiro, a montante do Paço, disponível para acolher e fazer entrar na cidade”

SILVA, Helena Sofia; SANTOS, André - **Álvaro Siza Vieira**. Arquitectos Portugueses, 1.ª Edição - Vila do Conde: Quidnovi, 2011, p. 51

³⁷ “...há uma certa dificuldade de relação entre os edifícios, no sentido de dar forma e clarificar os espaços, como acontece sempre nestas exposições”

CRUZ, Valdemar - **Retratos de Siza**, Porto: Campo de Letras, 2005, p.122.

³⁸ “...o Pavilhão de Portugal tem elementos próprios para receber esse ambiente de festa, dando-lhe lugar e não propriamente exprimindo-a. Não é uma função da arquitetura exprimir sentimentos”

CRUZ, Valdemar - **Retratos de Siza**, Porto: Campo de Letras, 2005, p. 122.



Figura 38 e 39 – Vistas da fachada Norte – Pavilhão de Portugal - 2019 - Fotos de Nuno Magalhães

Considerações Finais

A suspeita lançada por Pedro Vieira de Almeida há mais de trinta anos confirma-se. A herança românica persiste, por via do sistema construtivo, em obras de arquitetos portugueses do início e do final do século XX: Álvaro Machado e Álvaro Siza.

A modernidade intrínseca e atemporal do sistema construtivo românico, baseado em três elementos, coluna, muro e arco, foi posta em evidência pelas conceções da corrente pragmática americana do início do século XX (Esquema 1).

As ressonâncias que foram verificadas na *Firmitas, Utilitas e Venustas* dos edifícios analisados, provaram, com o precioso auxílio das reflexões de Pedro Vieira de Almeida, que a tradição construtiva não se deixa apagar pela imagem arquitetónica ou por valores abstratos.

Os exemplos de protomodernidade (Sociedade Nacional de Belas Artes) e de neomodernidade (Pavilhão de Portugal) que constam neste ensaio demonstraram, pela diferença de expressão que apresentam, que o valor arquitetónico dos mesmos advém da riqueza dos recursos da tradição construtiva portuguesa.

A modernidade que se identificou nas obras de Álvaro Machado e de Álvaro Siza merece ser reconhecida a partir de uma tradição vinculada à ética das suas raízes construtivas. Essa valorização, além de enriquecer a cultura arquitetónica portuguesa, é um importante contributo no contexto do ensino e da prática arquitetónica.

Bibliografia

ALMEIDA, Pedro Vieira de – Viana de Lima. In A.A.V.V., **Viana de Lima. Arquitecto 1913-1991**. Lisboa e Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, Árvore-Centro de Atividades Artísticas, 1996.

ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel – **História de Arte em Portugal**, Volume 14, Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

Annuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV; MCMX
Lisboa: Sociedade dos Architectos Portugueses, 1906.

BAUDELAIRE, Charles – A Modernidade, In BAUDELAIRE, Charles, **Sobre a modernidade – O pintor da vida moderna.** São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 1996.

COLLARES, E. Nunes– Edifício e salas de exposições da Sociedade Nacional de Bellas Artes, na Rua Barata Salgueiro com frentes para as Ruas Mouzinho da Silveira e Castilho – Projecto do Architecto, Sr. Álvaro Machado. **A Construção Moderna.** Lisboa. N.º 199, Anno VII, (1906) p. 49-50.

CRUZ, Valdemar – **Retratos de Siza.** Porto: Campo de Letras, 2005.

DEWEY, John – **Educação e política: igualdade, pragmatismo e democracia.** Mangualde: Pedago, 2009.

FERNANDES, José Manuel – Sociedade Nacional de Belas Artes. In BERGER, Francisco Gentil; BISSAU, Luis; TOUSAINTE Michel (coordenação geral) - **Guia de Arquitectura Lisboa 94.** 1.ª Edição. Lisboa: co-edição da Sociedade Lisboa 94 e da Associação dos Architectos Portugueses, 1994.

FRAMPTON Kenneth – **Introdução ao estudo da cultura tectónica,** (André Martins Barata, tradução), Lisboa: Associação dos Architectos Portugueses. 1998.

GOMES, Paulo Varela – Arqitetura, os últimos vinte cinco anos – Arqitetura Portuguesa do Século XX, In: PEREIRA, Paulo, **História da Arte Portuguesa,** Vol. 3, Lisboa: Editora Temas e Debates, 1995.

MARTÍ ARÍS, Carlos – **La Cimbra y el Arco.** Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 2005.

MARTINS, Raquel Monteiro – **A ideia de lugar: um olhar atento às obras de Siza,** Tese de Mestrado em Arquitectura, Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Coimbra, 2009.

MALHEIRO, Davide Miguel Guimarães – **A presença da arquitectura: a arquitectura românica do Vale do Rio Sousa.** Tesis Doctorale. Departamento de Urbanismo y Representación de la Arquitectura - Escuela Tecnica Superior de Arquitectura - Universidad de Valladolid. Valladolid, 2012.

MAGALHÃES, Nuno José Almeida – **A obra do arquitecto Álvaro Machado.** Dissertação de Mestrado em Cultura Arquitectónica Contemporânea. Lisboa: ISCTE-IUL, 2007.

MONTANER, Josep Maria – **Depois do movimento moderno – Arqitetura da segunda metade do século XX,** Barcelona: Gustavo Gilli, 2001.

MURPHY, John – **O pragmatismo de Pierce a Davison,** Porto: Edições Asa, 1993.

NESBBIT, Kate – **Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica (1965-1995)**. 2.^a ed. rev. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2006.

RAMOS, Rui – **A Casa Unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa. Mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX**. Volume I. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2004.

SILVA, Helena Sofia; SANTOS, André – **Álvaro Siza Vieira**. Arquitectos Portugueses, 1.^a Edição - Vila do Conde: Quidnovi, 2011.

SILVA, Raquel Henriques da – Sociedade Nacional de Belas-Artes – Álvaro Machado. In BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - **Portugal: Arquitectura do século XX**. München/New York/Frankfurt/Lisboa, 1997.